

MIA COUTO

E se Obama fosse africano?

e outras interinvenções

Ensaaios

9ª reimpressão

Índice

NOTA INTRODUTÓRIA	7
O guardador de rios	
LÍNGUAS QUE NÃO SABEMOS QUE SABÍAMOS	11
Intervenção na Conferência Internacional de Literatura WALTIC, Estocolmo	
OS SETE SAPATOS SUJOS	25
Intervenção no ISCTEM, Maputo	
RIOS, COBRAS E CAMISAS DE DORMIR	49
Intervenção no ciclo <i>Biologia na noite</i> , Universidade de Aveiro	
SONHAR EM CASA	61
Intervenção sobre Jorge Amado, São Paulo	
O INCENDIADOR DE CAMINHOS	69
Intervenção no Congresso Literário <i>Literatura de viagem</i> , Matosinhos	
O PLANETA DAS PEÚGAS ROTAS	77
Intervenção no <i>Encontro sobre Pessoa Humana</i> , abertura da Conferência no Millenium BIM, Maputo	
QUEBRAR ARMADILHAS	95
Intervenção no Congresso de Leitura COLE, <i>Quebrando armadilhas</i> , Brasil	

ENCONTROS E ENCANTOS — GUIMARÃES ROSA.....	107
Intervenção na Universidade de Minas Gerais, Brasil	
DAR TEMPO AO FUTURO	121
Intervenção na inauguração de uma empresa seguradora, Angola	
O FUTURO POR METADE	133
Intervenção nas celebrações do escritor Ibsen, Maputo	
AS OUTRAS VIOLÊNCIAS	139
Intervenção no Segundo Fórum Humanista, Maputo	
A ÚLTIMA ANTENA DO ÚLTIMO INSECTO — VIDA E OBRA DE HENRI JUNOD.....	147
Intervenção na Conferência de Homenagem a Henri Junod, Maputo	
DESPIR A VOZ	163
Intervenção no debate <i>Não matem a cultura, não matem Craveirinha</i> , Maputo	
LUSO-AFONIAS — A LUSOFONIA ENTRE VIAGENS E CRIMES.....	173
Intervenção na Universidade de Faro	
O NOVELO ENSARILHADO	189
Intervenção no Congresso <i>Literatura e memória de guerra</i> da Universidade Politécnica de Moçambique, Maputo	
E SE OBAMA FOSSE AFRICANO?	197
Artigo publicado no jornal <i>Savana</i> , Maputo	

O guardador de rios

Depois da Independência, um programa de controlo dos caudais dos rios foi instalado em Moçambique. Formulários foram distribuídos pelas estações hidrológicas espalhadas pelo país e um programa de registo foi iniciado para os mais importantes cursos fluviais. A guerra de desestabilização eclodiu e esse projecto, como tantos outros, foi interrompido por mais de uma dúzia de anos. Quando a Paz se reinstalou, em 1992, as autoridades relançaram o projecto acreditando que, em todo o lado, era necessário recomeçar do zero. Contudo, uma surpresa esperava a brigada que visitou uma isolada estação hidrométrica no interior da Zambézia. O velho guarda tinha-se mantido activo e cumprira, com zelo diário, a sua missão durante todos aqueles anos. Esgotados os formulários, ele passou a usar as paredes da estação para grafar, a carvão, os dados hidrológicos que era necessário registar. No interior e exterior, as paredes estavam cobertas de anotações e a velha casa parecia um imenso livro de pedra. Orgulhoso, o guarda recebeu

os visitantes à entrada e apontou para a madeira da porta:

— Começa-se a ler por aqui, para ir habituando os olhos ao escuro.

“A esperança é a última a morrer.” Diz-se. Mas não é verdade. A esperança não morre por si mesma. A esperança é morta. Não é um assassinio espectacular, não sai nos jornais. É um processo lento e silencioso que faz esmorecer os corações, envelhecer os olhos dos meninos e nos ensina a perder crença no futuro.

O episódio da estação hidrométrica passou a ser um dos alimentos do meu sentimento de esperança. Como se me lembrasse que devo dialogar com invisíveis rios e tudo em meu redor podem ser paredes onde eu nego a tentação do desalento.

Tal como o anterior Pensatempas, este não é um livro de ficção. Os textos que aqui se reúnem cumprem a missão de intervenção social que a mim mesmo me incumbe como cidadão e como escritor. Com a excepção do artigo sobre a eleição de Obama, todos os restantes textos foram concebidos para alocações a serem proferidas em encontros e colóquios dentro e fora de Moçambique. Conservei o mais possível a forma coloquial e deixei intencionalmente escapar, aqui e ali, pequenas repetições e improvisações.

Alguns destes textos foram concebidos para o contexto de Moçambique e, eventualmente, pecarão por essa especificidade para o leitor não moçambicano. Acredito, porém, que os rios que percorrem o imagi-

nário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais da esperança.

Mia Couto